

**PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS E AGRICULTURA
FAMILIAR: LIMITES E POTENCIALIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO NO
MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO- RS**

**NON-CONVENTIONAL FOOD PLANTS AND FAMILY FARMING: LLIMITS AND
POTENTIAL OF COMMERCIALIZATION IN THE MUNICIPALITY OF DOM
PEDRITO, RS**

Shirley Grazieli da Silva Nascimento

Dra. em Agronomia
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito, Brasil
nascimento.shy@gmail.com

Cândido Jorge de Moraes

Tecnólogo em Agronegócio
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito, Brasil
candidojmoraes@hotmail.com

Daniel Hanke

Dr. em Ciência do Solo
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito, Brasil
hankesolos@gmail.com

Mariana Rockenbach de Ávila

Dra. em Zootecnia
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito, Brasil
marianaravila@gmail.com

Osmar Manoel Nunes

Dr. em Economia
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito, Brasil
osmarnunes@unipampa.edu.br

* Recebido em: 19/01/2019

* Aceito em: 14/03/2019

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo verificar o conhecimento, os limites e as potencialidades de comercialização de plantas alimentícias não convencionais-PANCs por parte dos agricultores familiares que participam da feira livre de Dom Pedrito-RS. Foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, através da aplicação de um roteiro de entrevistas. Foram entrevistados oito agricultores familiares, em seu ambiente de comercialização, ou seja, a feira livre. As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de dois mil e dezoito. As análises das informações coletadas foram realizadas a partir das transcrições das entrevistas realizadas. Foi utilizada Análise Textual De Discurso (ATD) para compreensão e categorização das informações. Os principais resultados obtidos neste trabalho evidenciam que não há comercialização de plantas alimentícias não convencionais na Feira Livre de Dom Pedrito, os agricultores familiares desconhecem as plantas alimentícias não convencionais, bem como sua potencialidade nutricional e de consumo.

Palavras-chave: Segurança Alimentar; Alternativas De Consumo; Plantas Alimentícias Não Convencionais.

ABSTRACT

The present work had the objective of verifying the knowledge, limits and potentialities of commercialization of Non-Conventional Food Plants (PANCS), by the family farmers who participate in the street market of Dom Pedrito-RS. A qualitative research was carried out, through the application of a interview script. Eight family farmers were interviewed in their marketing environment, that is, street market. The interviews were conducted in the months of July and August of two thousand and eighteen. The analyzes of the collected information were made from the interviews transcripts. Textual analysis of discourse was used to understand and categorize information. The main results obtained in this work show that there is no commercialization of unconventional food plants in Dom Pedrito street market. Family farmers are unaware of unconventional food plants, as well as their nutritional and consumption potential.

Keywords: Food Safety; Consumer Alternatives; Unconventional Food Plants.

1. INTRODUÇÃO

A alimentação além de ser uma das atividades humanas mais importantes, sendo um fator insubstituível para a manutenção da vida, assume também um fator cultural muito importante para as populações (LIMA et al., 2015). Os alimentos representam a ligação mais primitiva entre natureza e a cultura, uma parte da raiz que liga o povo, uma comunidade e/ou um grupo a sua terra e as origens de sua história (PEDRAZA, 2004).

Contudo os hábitos alimentares sofreram modificações ao longo dos anos a partir da industrialização e globalização (SILVA, 2010). Essas modificações trazem uma homogeneização do sistema agroalimentar com a criação de grandes redes de supermercados e a chegada do “*fast food*”, aflorando um mar de dúvidas sobre o que efetivamente estamos consumindo.

Na história mundial da alimentação existem os modismos temporários e, obviamente, a alimentação sofre influências da mídia e dos interesses econômicos. Com o predomínio dos impérios agroalimentares e o desenvolvimento de monoculturas, poucas espécies melhoradas

são cultivadas por causa da globalização dos mercados, acarretando no desuso dos conhecimentos tradicionais sobre alimentação (KINUPP, 2004).

De acordo com Kinupp e Lorenzi (2014), 90% da nossa dieta se baseia em apenas 20 espécies vegetais que incluem, dentre outros, o milho, feijão, trigo e arroz. No entanto, existem milhares de plantas com potencial alimentício, que são negligenciadas por grande parcela da população. Segundo Kelen et al (2015) existem cerca de 3 mil plantas com potencial alimentício com ocorrência no Brasil. Tais Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), podem ser frutos, folhas, flores, rizomas, sementes e outras estruturas, sendo ricas nutricionalmente, e podendo ser espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas (KINUPP; LORENZI, 2014).

Cabe ainda ressaltar que grande parte das PANCs já fizeram parte da alimentação popular, porém com o processo de modernização da agricultura e, conseqüentemente, a indução a monoculturas e hábitos alimentares decorrentes do processo de industrialização dos alimentos, sua utilização como de fonte alimento acabou em decréscimo de seu uso.

Desta forma o trabalho busca verificar o conhecimento dos agricultores familiares da Feira municipal (Feira Livre de Dom Pedrito) sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS), bem como seu potencial de comercialização.

2. PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS – PANCS E SUA REALIZAÇÃO COM A SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

As PANCs, assim denominadas, foram originalmente definidas por Kinupp em 2007, embora já fossem conhecidas como hortaliças comestíveis ou não convencionais, ervas ou plantas daninhas comestíveis (ERICA, 2011).

As plantas alimentícias não convencionais são plantas muitas vezes vistas como invasoras ou daninhas, pois nascem espontaneamente em meio a outros cultivos. No entanto, estas plantas possuem grande importância ecológica e elevado potencial econômico. Ainda que sejam desconhecidas pela maioria da população, muitas dessas plantas possuem aptidão alimentícia, além de servirem como relevante recurso genético inexplorado (KINUPP; BARROS, 2007).

Segundo Rapoport 2001, existem no mundo entre 12.500 e 15.000 plantas com potencial alimentício. Em média, 10% do total de espécies vegetais de qualquer bioma do planeta são comestíveis e nos ambientes sob ação do homem, e considerando-se apenas as espécies ruderais, invasoras ou daninhas este percentual de uso alimentício em potencial pode alcançar até 89% das espécies (DÍAZ-BETANCOURT et al., 1999). Cabe ressaltar que o Brasil é o detentor da maior biodiversidade do planeta, possuindo entre 15 a 20% das espécies (KINUPP, 2004).

Segundo Luizza et al. (2013) muitas dessas plantas, embora disponíveis a baixo custo, ainda são desconhecidas e subutilizadas por uma grande parte da população. Entretanto, podemos observar a presença das PANCs em diversas feiras do país. Em uma pesquisa realizada em Cuiabá, MT, Schneider et al. (2017), pode constatar a comercialização de 43 espécies de PANCs, em três diferentes feiras.

As PANCs estão presentes em determinadas comunidades ou regiões, onde ainda exercem influência na alimentação de populações tradicionais. Porém, passaram a ter expressão econômica e social reduzidas, perdendo espaço para outros produtos (BRASIL, 2010).

Estima-se que cerca de 5.000 espécies de PANCs são existentes no Brasil e para o Rio

Grande do Sul há ocorrência de pelo menos 500 (KINUPP; LORENZI, 2014). Brack (2016) relata que pelo menos 201 plantas nativas do Rio Grande do Sul apresentem frutos e sementes comestíveis, sendo consideradas como frutíferas nativas, e importantes elementos da agrobiodiversidade regional (FIORAVANTI, 2016).

Por está razão percebe-se a importância das plantas na composição dos cardápios das famílias brasileiras. Estas plantas crescem espontaneamente e podem ser de diversas formas na alimentação humana, sendo uma aliada da segurança alimentar em nosso país, uma vez que existem muitas famílias vivendo sob grande fragilidade no que pese a este quesito (NASCIMENTO, et al, 2018).

O Direito Humano à Alimentação Adequada é parte dos direitos fundamentais da humanidade, os quais foram estabelecidos por pacto mundial, no qual o Brasil é signatário. Esse direito foi incorporado a legislação brasileira em 2006, conforme a Lei 11.346/2006 de 15 de setembro de 2006:

a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (BRASIL, 2006, art. 3º, p.12).

O entendimento de Segurança Alimentar como uma questão produtiva perdurou até a década de 1970, período em que estoques de alimentos no mundo tornaram-se escassos devido a problemas climáticos. Com os aumentos da produção de alimentos no mundo em decorrência do estímulo à revolução verde, a definição de segurança alimentar passa a ter uma visão mais voltada a garantia de acesso a alimentos de qualidade e a disponibilidade efetiva de alimentos (MALUF, 2009).

Com o final da década de 1980 e no início da década de 1990, incorporou-se a noção de acesso a alimentos seguros (sem contaminação biológica ou química); de qualidade (nutricional, biológica, sanitária e tecnológica), produzidos de forma sustentável, equilibrada, culturalmente aceita, incorporando a ideia de acesso à informação (BELIK, 2003).

Neste sentido, a categoria agricultura familiar ganha evidência, pois a mesma esteve, nos últimos anos, na pauta do governo federal sendo incentivada através de políticas públicas de produção e comercialização de alimentos diversificados e seguros (BELIK et al., 2015)

Esta categoria caracteriza-se por ser um modelo de produção em que a propriedade e família estão intimamente ligados. As propriedades familiares são unidades de produção agrícola onde propriedade e trabalho, estão ligados a família. Fazem parte da agricultura familiar, atividades econômicas desenvolvidas no meio rural que utilizam a mão de obra da própria família, na qual possuem a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no meio rural (SACCO dos ANJOS, 2003) e comercializada em canais curtos de produção (SILVEIRA et al., 2017). Esses canais de comercialização com proximidade podem ocorrer na forma de feiras de produtores, venda direta na agroindústria ou mesmo na casa dos agricultores (GAZOLLA, 2012).

De acordo com Godoy e Sacco dos Anjos (2007), as cadeias curtas são marcadas pela proximidade entre produtor e consumidor, proximidade não apenas no sentido físico, mas de um nível de valores, crenças e significados que são relacionados ao modo de produzir dos alimentos oferecidos ao consumidor.

Segundo Ferrari (2011), as cadeias curtas têm como característica marcante

transformar as práticas alimentares em relações eco sociais que alteram os espaços econômicos onde estão inseridas. As cadeias curtas propiciam também à difusão do conhecimento e troca de informações. Isso ocorre devido a proximidade entre os agentes, que facilita e estimula as interações, e da herança técnico-setorial enraizada localmente (LINS, 2006).

Cabe salientar que, para a agricultura familiar temos ainda como canal curto ou cadeia curta de comercialização os mercados institucionais que priorizam a compra de produtos provenientes da agricultura familiar, como no caso do Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) que são destinados 30% do gasto com as aquisições à alimentos oriundos da agricultura familiar

3. METODOLOGIA

3.1 Delineamento do Tipo de Pesquisa

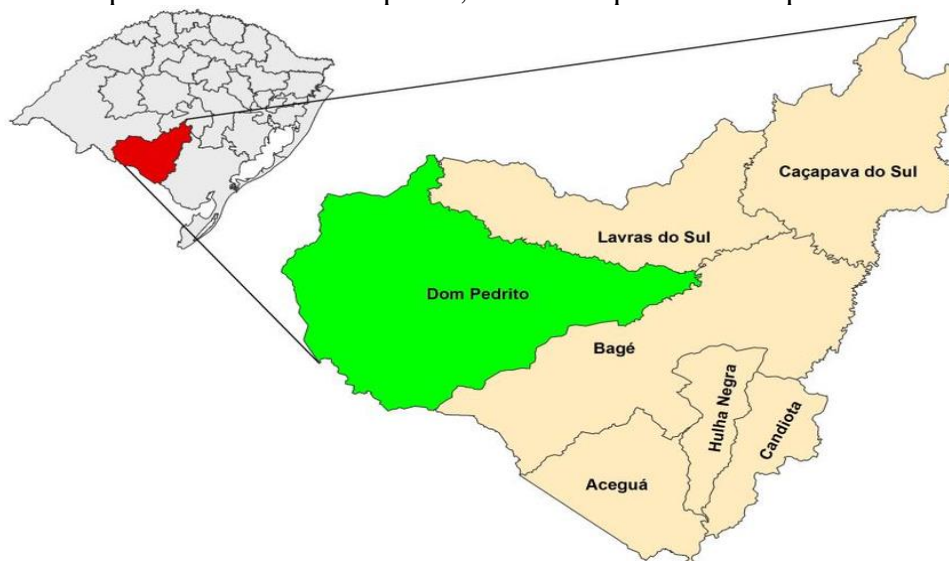
Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa com bases metodológicas qualitativas, onde segundo Minayo (2015) este tipo de metodologia pode ser compreendida como um caminho percorrido entre o pensamento e a prática utilizada durante a abordagem das situações reais que queremos investigar.

Optou-se por utilizar a pesquisa exploratória para tomar maior familiaridade com o objeto de estudo, ou seja, agricultores familiares participantes da Feira Livre do Município de Dom Pedrito, RS. Conforme Gil (2008) a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Neste sentido o autor ainda conclui que “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, a cerca de determinado fato” (GIL, 2008. p. 27).

3.2 Universo de Estudo e Atores que compõem a Pesquisa

O universo de estudo do presente trabalho é o município de Dom Pedrito-RS, localizado na região da Campanha Gaúcha, conforme figura 4, onde tem sua principal fonte de renda oriunda do agronegócio, com destaque a agricultura e pecuária de corte (MAIA *et al.*, 2017). Segundo IBGE (2018), o município de Dom Pedrito possui população de 38.898 habitantes, com 35.255 (ou 90,6%) em domicílio urbano e 3.643 (ou 9,4%) em domicílios rurais, e uma área territorial de 5.190,238 km², dados oriundos do último Censo, realizado em 2010.

Figura 1. Mapa do COREDE Campanha, com destaque ao município de Dom Pedrito.



Fonte: Matte, Spanevello e Andreatta (2015, p. 151).

Para compor a presente pesquisa foram escolhidos os agricultores familiares que participam da feira livre de Dom Pedrito-RS, que por sua vez possuem a produção e comercializam hortaliças, sendo este o critério básico, sem seleção mais criteriosa.

Para efeitos de qualidade da pesquisa, no momento de aplicação das entrevistas, foram abordados e entrevistados todos os agricultores familiares que participavam da Feira Livre comercializando hortaliças.

Os participantes da presente pesquisa são oriundos das mais variadas localidades do município de Dom Pedrito, RS, bem como das mais várias idades. Fazem parte da pesquisa agricultores familiares das localidades: Ponche Verde; Sanga Preta; Santa Maria Chico; Fontouras, Rincão da Figura e perímetro Urbano.

3.3 Técnicas de coletas de Dados

Para a coleta de informações, foi aplicado um roteiro de entrevistas, onde foi explorado as questões referentes a temática deste trabalho. Foi executada a gravação em áudio das entrevistas, para posterior transcrição das mesmas garantindo desta forma a fidelidade das informações repassadas pelos agricultores familiares que colaboraram nas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas durante as atividades de comércio da feira livre no município de Dom Pedrito. As mesmas, foram executadas em tempo médio de 10 minutos.

A imersão à campo se deu por meios próprios do presente autor, através de visitas realizadas a Feira Livre de Dom Pedrito-RS, onde foram obtidas as entrevistas, de agricultores familiares que comercializam sua produção de hortaliças, que compõe os resultados deste trabalho.

3.4 Análise dos Resultados

A análise das informações obtidas foi realizada a partir das transcrições das entrevistas realizadas junto aos agricultores familiares. Foi utilizado a Análise Textual de Discurso para as análises das respostas (MORAES; GILIAZZI, 2007).

Para facilitar a análise dos resultados, as informações obtidas a partir das entrevistas foram categorizadas em: usa e não usa; falta de conhecimento e falta de procura. Algumas perguntas nortearam essa categorização, sendo elas: você conhece alguma espécie de Pancs?; se não comercializa, por qual razão? no seu entendimento para que pode ser utilizada as pancs?

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos pela pesquisa foram: a) perfil dos entrevistados, o conhecimento dos agricultores familiares sobre as plantas alimentícias não convencionais – PANCs e, o consumo e presença em suas propriedades; b) potencial de comercialização das plantas alimentícias não convencionais- PANCs na Feira livre do município de Dom Pedrito, RS.

4.1 Perfil dos Entrevistados

Para essa pesquisa foram escolhidos agricultores familiares que comercializam sua produção na Feira Livre do município de Dom Pedrito, mais especificamente hortaliças, contudo foram identificadas 8 bancas comercializando hortaliças, destas a sua totalidade foi abordada. Foram abordados ao menos um agricultor, destas bancas, compondo assim o quadro de entrevistas. O perfil dos agricultores entrevistados está descrito no Quadro 1, onde recebem nomes fictícios a fim de não revelar a identidade dos mesmos.

Quadro 1– Perfil dos agricultores familiares entrevistados

Entrevistado *AF	Gênero	Idade	Escolaridade	Tempo de Feira
1	F	45	Fundamental completo	3 anos
2	M	20	Médio completo	1 dia
3	F	19	Médio completo	3 anos
4	F	28	Fundamental	3 anos
5	F	55	Superior	3 anos
6	M	37	Fundamental incompleto	3 anos
7	F	50	Fundamental incompleto	3 anos
8	M	36	Fundamental incompleto	3 anos

*AF- sigla para Agricultor Familiar

Fonte: Dados da Pesquisa

O Quadro 1 mostra que a idade dos entrevistados, oscila entre 19 e 55 anos, percebe-se a presença de 3 entrevistados com idades inferiores a 30 anos, o que demonstra a continuidade da agricultura familiar. Quanto ao nível de escolaridade dos entrevistados é predominantemente de nível fundamenta e gênero predominante o feminino, sem grandes discrepâncias.

Em relação ao tempo em que exercem a atividade de comercialização de sua produção na feira, a maioria está presente desde o início, ou seja, 3 anos; exceto o entrevistado AF2 que estava em seu primeiro dia de Feira. Outro dado relevante do perfil dos entrevistados, é que

suas propriedades não ultrapassam um módulo fiscal, ou seja, as propriedades dos entrevistados não ultrapassam de 28 hectares. As propriedades dos agricultores familiares entrevistados oscilam de 1 a 20 hectares, entre eles foi observado duas propriedades dentro da zona urbana da cidade de Dom Pedrito, RS.

4.2 O Conhecimento dos Agricultores Familiares Participantes da Feira Livre de Dom Pedrito-RS Sobre as PANCs

Em relação ao conhecimento dos entrevistados frente ao termo PANCs — perguntado sem a prévia explicação do conceito, percebe-se que a maioria dos entrevistados conheciam o termo (Quadro 2).

Quadro 2 – Conhecimento sobre PANCs

Entrevistado AF*	Sem definir conceito	Definição explicada
1	Sim	X
2	Sim	X
3	Sim	X
4	Sim	X
5	Não	Sim
6	Não	Sim
7	Não	Sim
8	Sim	X

Fonte: Dados da Pesquisa

Contudo, 3 entrevistados não conheciam o termo, porém, após uma breve explicação sobre o termo, afirmaram entender.

Os entrevistados que relataram conhecer o termo sem a prévia explanação do conceito, contaram que o conhecimento do termo surgiu através de reportagens em programas de televisão. Já os que não conheciam o termo, após a explicação relataram reconhecer as plantas, porém, não tinham o conhecimento de que poderiam ser consumidas, o que pode ser observado na fala do entrevistado AF5 “[...]acho que não é da nossa região, o hábito de consumir essas plantas[...]”.

Quando questionado sobre o potencial nutricional na alimentação humana das plantas alimentícias não convencionais os agricultores familiares compõe a seguinte formatação: 6 entrevistados responderam afirmativamente que sim; 2 entrevistados afirmaram não acreditar que essas plantas tenham potencial nutritivo. Porém, observou-se que os entrevistados expiravam dúvidas sobre o seu conhecimento sobre o assunto, como pode ser visto na fala do entrevistado AF8, “[...] Até acredito que sim, desde que tenha as plantas certas, a gente precisa aqui de mais estudo pra saber qual dá pra substituir e pra que servem, falta alguém pra pesquisa, um professor [...]”, referindo-se as plantas da região. Outros entrevistados expressam a mesma dúvida, entrevistado AF7 “[...] olha até pode, mas não sei dizer por que

não tenho conhecimento [...]” e entrevistado AF4 “[...] razoável, eu acho. Não tem como as nossas tradicionais, eu acho. Não temos muito conhecimentos sobre elas [...]” A fala dos agricultores familiares entrevistados evidencia a importância de estudos, bem como, a divulgação dos conhecimentos sobre o potencial e a importância das plantas alimentícias não convencionais - PANCs na alimentação, sobre tudo na mídia.

No seguimento das entrevistas foi questionado quais as plantas alimentícias não convencionais – PANCs - os entrevistados conheciam, e pra qual uso era possível dá-las, como demonstra o Quadro 3.

Quadro 3 - PANCs mencionadas e seus possíveis usos

Entrevistado *AF	PANC Mencionada	Usos
1	Caruru, beldroega, junco, agrião silvestre, mestruz.	Saladas
2	Beldroega	Saladas
3	Não soube responder	-
4	Não soube responder	-
5	Beldroega, língua de vaca	-
6	Não soube responder	-
7	Capuchinha	-
8	Cogumelo	-

Fonte: Dados da Pesquisa

Os entrevistados mencionaram as plantas sem interferência externa ou herbário, apenas sendo explicado o que seriam as PANCs. Porém foi possível observar que metade dos entrevistados, ou seja, 4, responderam com ao menos uma planta sendo mencionada, contudo outros 4 entrevistados não souberam responder. Outro dado interessante, é que apenas dois entrevistados souberam responder ao questionamento que procurava identificar o uso dessas plantas, os dois respondentes mencionaram que essas plantas poderiam ser usadas em saladas.

A planta com o maior número de citações foi a Beldroega (*Portulaca oleracea*), aparecendo em 3 entrevistas, todavia foram também mencionadas o mestruz (*Coronopus didymus*), agrião silvestre (*Lepidium sativum*), língua de vaca (*Rumex obtusifolius*), junco (*Juncus* sp.), caruru (*Amaranthus deflexus*) e capuchinha (*Tropaeolum majus*), entre outros. Ainda foram mencionados chás e ervas como: carqueja (*Baccharis trimera*), arnique/ arnica (*Arnica montana*), malva (*Malva sylvestris*), entre outros.

Foi ainda perguntado se havia o consumo, por parte deles, de alguma dessas plantas e se haviam ocorrências delas em suas propriedades. Sobre o consumo de plantas alimentícias não convencionais, apenas o entrevistado AF1 afirmou consumir, afirmando ainda cultivar e coletar algumas das espécies citadas por ele, os demais entrevistados afirmaram não consumir e quando indagado se já haviam consumido, informaram que sobe seu conhecimento, não.

Quando perguntado se havia a ocorrência das plantas alimentícias não convencionais citadas pelos entrevistados em suas propriedades, os entrevistados afirmaram que: 4 agricultores familiares responderam afirmativamente em haver a ocorrência de PANCs em suas propriedades e outros 4 agricultores familiares afirmaram não haver a presença de PANCs em suas propriedades - talvez pelo pouco ou nenhum conhecimento sobre o tema – destes, apenas 1 dos entrevistados afirmou cultivar, outros 2 agricultores familiares entrevistados afirmaram nascer em pequenas quantidades dentro de suas propriedades e 1 agricultor familiar afirmou trata-las como plantas invasoras em meio a sua produção.

4.3 O Potencial de Comercialização da PANCs na Feira Livre de Dom Pedrito- RS: ponto de vista dos feirantes

Para fins de dar prosseguimento ao trabalho sobre o tema, nosso ponto de partida está abordado na seguinte pergunta: As plantas alimentícias não convencionais - PANCs, poderiam ser comercializadas na Feira Livre de Dom Pedrito-RS? Essa questão nos levou a indagar dos feirantes: se eles comercializam alguma espécie de PANCs; caso não comercializar, por qual razão de não comercializar.

Os agricultores familiares entrevistados foram questionados sobre o comércio de PANCs, deixando a eles expressarem as razões pelas quais não comercializam, caso fosse essa a informação repassada. As respostas obtidas foram agrupadas e categorizadas em dois grupos de significados a fim de facilitar a compreensão das informações que os agricultores familiares nos apresentaram. Os dados obtidos e categorizados estão contidos no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Comercialização de PANCs

Entrevistado *AF	Comercializa PANCs	Motivo de não comercializar
1	Não	Falta de procura
2	Não	Falta de conhecimento
3	Não	Falta de conhecimento
4	Não	Falta de conhecimento/ procura
5	Não	Falta de procura
6	Não	Falta de conhecimento
7	Não	Falta de conhecimento
8	Não	Falta de conhecimento

Fonte: Dados da Pesquisa

Como foi apresentado no Quadro 4, o comércio de plantas alimentícias não convencionais-Pancs, é inexistente na Feira Livre de Dom Pedrito-RS. As respostas sobre o motivo de não comercializar foram enquadradas nas duas formas, como apresentado no quadro, as falas dos agricultores familiares que participam da feira livre nos traz a impressão de que o comércio inexistente é em decorrência do pouco ou nenhum conhecimento dos

feirantes, sobre quais as plantas que seriam possíveis de se comercializar ou consumir, e/ou dos consumidores que percorrem as barracas montadas na feira a procura de fazer suas compras. O agricultor familiar- feirante 8, nos trouxe a seguinte fala:

“Por falta de conhecimento mais. Tem que estudar mais pra ver como se reproduzem mais e como se prepara pra vender mais. Aqui no interior o pessoal não tem esse hábito, é mais na cidade grande que o pessoal come essas coisas mais exóticas” (AF8, 36 anos, Rincão da Figura).

O agricultor entrevistado salienta sobre a importância de conhecer o que se está comercializando e deixa claro a sua visão, na qual retrata as PANCs como plantas exóticas para consumo e relata ainda acreditar que o hábito de consumo seja *“coisa de cidade grande”*. O entrevistado AF7, salienta a mesma preocupação com o conhecimento e termina com a seguinte reflexão *“[...] não adianta eu chegar aqui e vender, e a pessoa consumir e as vezes até passar mal[...]”*. Nós sabemos que esses hábitos de consumo são provenientes da estrutura da sociedade, e que alguns hábitos foram moldados pelo globalismo e avanço das monoculturas, assim como, dos alimentos processados, fazendo o conhecimento popular sobre as plantas que outrora eram cultivadas, coletadas e consumidas se percam ao decorrer das gerações. O mesmo agricultor salienta a importância de seguir repassando as informações para os filhos - referindo-se a chás que consome nos momentos de necessidade- *“É importante seguir passando para às próximas gerações esses conhecimentos dos chás”*, finaliza o entrevistado AF8, de 36 anos.

Sobre o potencial de consumo os entrevistados sinalizaram positivamente, alicerçando-se no aumento de consumo das hortaliças, que em uma das entrevistas nos foi retratada como sendo *“tradicionalis”*. Como é salientado pelo entrevistado AF7, de 50 anos que fala otimista sobre o potencial ainda a ser descoberto pelos seus fregueses, *“[...] mas hoje em dia a maioria do pessoal vai te que consumi, já estão bem mais na verdura. Estão bem mais nos chás, então, seria uma boa [...]”*. observou-se também a preocupação dos agricultores em produzir as PANCs, negligenciando o fato de que elas em sua maioria nascem espontaneamente, o que nos remete ao pouco conhecimento que estes agricultores familiares detêm sobre as hortaliças que nascem espontaneamente em meio aos seus cultivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se nesse trabalho que, as PANCs estão em desuso por grande parte dos agricultores familiares que participam da feira livre do município de Dom Pedrito, RS. O desconhecimento por parte dos agricultores sobre suas potencialidades e usos foi ao longo do tempo sendo esquecido ou não repassado por aqueles que os detinham. Percebe-se que há, ainda, um grande conhecimento e repasse de informações quando se trata de ervas para as confecções de chás a fim de combater as enfermidades que acometem os agricultores, mas quando se trata de utilizar dos meios disponíveis pela natureza a fim de alimentar-se, esses agricultores acabaram as esquecendo, em partes, não pode-se esquecer que entre os entrevistados encontra-se um agricultor que revelou coletar, cultivar e consumir PANCs.

Outra importante constatação é feita sobre a comercialização. Observa-se que para os agricultores familiares que participam da feira livre que, a falta de procura do público consumidor, ou seja, a demanda inexistente e a sua própria falta de conhecimento acerca das plantas com potencial alimentar -esse conhecimento poderia estimular uma demanda- tornam-

se um entrave ao comércio. Desta forma, conclui-se na presente pesquisa que, atualmente não existe potencial de comércio para as PANCs na feira livre de Dom Pedrito-RS.

Desta forma, considera-se que existe ainda um potencial a ser descoberto e explorado por grande parte da população; porém, a priori, deve-se trabalhar na divulgação de suas potencialidades, nas pesquisas científicas e métodos de inserir na culinária.

REFERÊNCIAS

BELIK, W.; CUNHA, A. R. A. de A. **Abastecimento no Brasil: o desafio de alimentar as cidades e promover o Desenvolvimento Rural**. In: GRISA, Cátia; SCHNEIDER, Sérgio. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 217-235.

BELIK, W. **Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil**. Saúde e sociedade, v. 12, n. 1, p. 12-20, 2003.

BRACK, P. Plantas alimentícias não convencionais. **Agriculturas**. v. 13, n.2, p. 4-6, 2016. BRASIL. **Lei 11.326/2006** de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para

a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, DF, 25 jul 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm> Acesso em: 16 de ago. de 2018.

BRASIL. Lei 11.346/2006 de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, DF, 18 set 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm>. Acesso em: 16 de ago. de 2018.

BRASIL. **Manual de hortaliças não convencionais**- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasília: MAPA, 2010. 92p.

DIAZ-BETANCOURT, M.; GHERMANDI, L.; LADINO, A.; LÓPEZ-MORENO, I. R.; RAFFAELE, E.; RAPPOPORT, E. H. Weeds as a source for human consumption: a comparison between tropical and temperate latin America. **Revista Biológica Tropical**, v. 47, n. 3, San José, Costa Rica, 1999.

ERICE, A. S **Cultivo e comercialização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) em Porto Alegre, RS**. 2011. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35330/000794732.pdf?sequence=1&isAllwed=y>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

FERRARI, D. **Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina**. 2011. 347f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.

FIORAVANTI, C. **A maior diversidade de plantas do mundo**. Pesquisa FAPESP. Ed. n.

241, p. 42-47. Mar 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário 2006**. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf>. Acesso em: 19 ago. de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dom Pedrito**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dom-pedrito/panorama>>. Acesso em: 29 agosto. 2018.

GAZOLLA, M. **Conhecimentos, Produção de Novidades e Ações Institucionais: cadeias curtas das agroindústrias familiares**. 292 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre / RS, 2012.

GODOY, W. I.; SACCO DOS ANJOS, F. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 2, n. 1, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 2008. Sexta Edição, São Paulo. Editora Atlas S.A.

KELEN, M. E. B.; NOUHUY, I. S. V.; KEHL, L. C.; BRACK, P.; SILVA, D. B. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): hortaliças espontâneas e nativas**. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. São Paulo: Instituto Plantarum de Pesquisas da Flora, 2014.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. **Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas do Brasil**. Horticultura Brasileira, vol. 22, n. 2. 2004. Disponível em: <https://www.ppmac.org/sites/default/files/plantas_alimenticias.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

KINUPP, V.F. **Plantas alimentícias não convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007 Tese (Doutorado em Fitotecnia)-Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. de. **Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas**. Ciência e Tecnologia de Alimentos. Campinas, SP. Vol. 28, n. 4, p. 846-857, 2008.

LIMA, R. de S. FERREIRA, J. A. N. FARIAS, R. de C. P. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade.. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**. 2015; 10(3); 507-522

LINS, H. N. **Sistemas agroalimentares localizados: possível "chave de leitura" sobre a maricultura em Santa Catarina**. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 44, n. 2, Junho 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-20032006000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2018.

LUIZZA, M. W., YOUNG, H. KUROIWA, C. P. E., WOREDE, A., WEIMER, R. B. A. **Local Knowledge of Plants and their uses among Women in the Bale Mountains**, Ethiopia. *Ethnobotany Research & Applications*, v.11, n.1, p.315-39, 2013.

MALUF, R. S. Desafios para a segurança alimentar e nutricional. In: Ana Karla Dubiela e Ricardo Kaminski. (Org.). **Segurança alimentar e nutricional: teoria e prática**. Fortaleza: Gráfica LCR, v. 1, p. 31-36, 2009.

MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; ANDREATTA, T. **Perspectivas de sucessão em propriedades de pecuária familiar no município de Dom Pedrito-RS**, HOLOS, Ano 31, vol. 1 – p. 151, 2015.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. 34ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2ª ed. ver. Ijuí: Editora UNIJUÍ: 2007.

NASCIMENTO, S. G.; BECKER, C.; SILVA, F. N. da., CALDAS, N. V.; AVILA, M. R. Produção agroecológica e Programa Nacional de Alimentação Escolar: um caminho para a natureza multidimensional da Segurança Alimentar e Nutricional '. **REVISTA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (LISBOA)**, v. 42, p. 301-311, 2018.

PEDRAZA, D. F.. **Padrões alimentares: da teoria à prática – o caso do Brasil**. Revista Virtual de Humanidades, n. 9, v. 3, jan./mar. 2004. 10 p.

RAPOPORT, E. H; SANZ, E.H; LADIO, A. H. **Plantas silvestres comestíveis de la Patagonia Argentino-Chilena: exóticas/ parte II**. Programa de Extensión Universitaria, Departamento de Ecología, Centro Regional Universitario Bariloch, Universidad Nacional del Comahue. 77p, 2001.

SACCO DOS ANJOS, F. **Agricultura Familiar, Pluriatividade e Desenvolvimento Rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003. 374 p.

SCHNEIDER, M. H., COSTA, G. DALL'O., MAIA, P. C. C., BONATTI, J. **Comercialização de plantas alimentícias não convencionais (pAnc) em cuiabá-mt**. 14º Congresso Nacional de Meio Ambiente de Poços de Caldas. Disponível em : [http://www.meioambientepocos.com.br/anais-017/trabalhos/234.%20COMERCIALIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20PLANTAS%20ALIMENT%C3%8DCIAS%20N%C3%83O%20CONVENCIONAIS%20\(PANC\)%20EM%20CUIAB%C3%81-MT.pdf](http://www.meioambientepocos.com.br/anais-017/trabalhos/234.%20COMERCIALIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20PLANTAS%20ALIMENT%C3%8DCIAS%20N%C3%83O%20CONVENCIONAIS%20(PANC)%20EM%20CUIAB%C3%81-MT.pdf)

SILVA, J. G. da. Análise histórico-crítica do processo de globalização na região Amazônica. **Revista Trabalho Necessário**. V 8, n. 11, 2010. p. 2-16.

SILVEIRA, V. C.; OLIVEIRA, E. S.; MARIANI, M. A.; SILVEIRA, N. F. **Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andralina-MS**. I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação. Naviraí-MS, 2017.